

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒ RDP ☐

Nº. de referência: 2

Título: "VIOLANTE - VIOLETA"

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): WALLENSTEIN, CARLOS

Adaptador: ?

Realizador: FERNANDES, CARLOS

Locutor: ?

Data de produção: 12/8/1975- Data de Emissão: 18/8/1975-

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
EUNICE MUÑOZ	VIOLANTE
JOÃO PERRY	PORTAÍO
SANTOS MANUEL	MACKINDLEY
MANUEL CAUARO	ORDOÑEZ
ERMELEIDA DUARTE	JOANA
FERNANDO SARAIVA	SENTINELA

Estado de conservação: Bom ☐ Razoável ☒ Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☐ Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐ Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

Leis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA - CARLOS AVILAZ

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA <u>1-2</u>	PROGRAMA <u>1-2</u>
DATA DE ENTREGA <u>21 AGO, 1975</u>	EMISSÃO DE <u>18/8/75</u>
PERÍODO DE GRAVADO A GRAVAR EM <u>12/8/75</u>	<u>15-10</u> HORAS
HORA <u>9,15</u>	VISTO
TÍTULO DO PROJETO DE GRAVADO	

VIOLANTE - VIOLETA

De

Carlos Wallenstein

Para a Emissora Nacional

PERSONAGENS:

Violante
 Porfírio
 Mackindley
 Ordoñez
 Joana
 Sentinela

Julho, 1975

- PORFIRIO - V.Ex^a. é servida de outro cálice?
- VIOLANTE - Obrigada, Porfírio, Por hoje não quero mais nada. Que horas são?
- (O relógio bate oito horas)
- PORFIRIO - São oito horas e vinte e três, embora este relógio esteja a bater as oito.
- VIOLANTE - Eu sei nesta casa até os relógios pretendem enganar-me.
- PORFIRIO - Apenas os relógios, minha senhora. Os serviçais são honestos.
- VIOLANTE - Dá-me outro cálice de Drambuie.
- PORFIRIO - Muito bem. (Ouve-se correr)
- VIOLANTE - (Prova) Este licor é uma prova de que os serviçais são tão honestos como os relógios. Se pensas que engulo por Drambuie esta zurrapa, enganas-te.
- VIOLANTE - Com certeza...
- PORFIRIO - Senhora D.Violante o fabricante terá alterado o produto?
- VIOLANTE - O produto é alterado cá em casa, por ordem do Dr. Alfonsinho que descobriu que o álcool me faz mal e que, de cumplicidade com a criadagem, estraga o produto, juntando-lhe água e outras porcarias.
- PORFIRIO - Como adivinhou?
- VIOLANTE - Sei muito bem o que se passa na minha casa.
- PORFIRIO - Por isso mesmo, desejo lembrar-lhe que hoje é 6^a. feira.
- VIOLANTE - É a tua noite de saída...
- PORFIRIO - Sim, minha senhora.
- VIOLANTE - Podes retirar-te.

- PORFÍRIO - Muito obrigado, a V.Exª. (passos)
- VIOLANTE - Ainda mantens namoro com a Bernardette?
- PORFÍRIO - Não, minha senhora. A minha actual namorada chama-se Joana.
- VIOLANTE - Há quanto tempo é a tua namorada?
- PORFÍRIO - Há 8 dias.
- VIOLANTE - Tencionas casar com ela?
- PORFÍRIO - Não, minha senhora.
- VIOLANTE - Porquê?
- PORFÍRIO - Porque não tenciono casar com ninguém.
- VIOLANTE - Então porque namoras essa tal Joana?
- PORFÍRIO - Sem pretender faltar ao respeito devido a V.Exª. sempre lhe digo que, quando inicio um namoro, a primeira coisa de que aviso a interessada é de que não é para casar. Por esta razão seria mais lógico se V.Exª. perguntasse a Joana porque é que ela tem namoro comigo.
- VIOLANTE - Porfírio, esse modo de proceder não é decente. E não sei até porque motivo consenti em travar contigo este diálogo tão impróprio.
- PORFÍRIO - Não sabes?
- VIOLANTE - Não.
- PORFÍRIO - Pois eu sei.
- VIOLANTE - Ah, sabes então dize lá.
- PORFÍRIO - Não posso. Seria impróprio

VIOLANTE - Ordena-te que digas!

PORFÍRIO - Arrisco-me a desobedecer a essa ordem de V.Ex^a., a não ser que V.Ex^a. me afirme que, seja o que for que eu disser, não terá consequências no modo como V.Ex^a. me trata, isto é, que não me despede, nem me diminui o ordenado.

VIOLANTE - Tu atreves-te a pôr condições para obedeceres a uma ordem minha?

PORFÍRIO - Atrevo-me.

VIOLANTE - Ah, sim? Pois bem, aceito, por uma vez, as tuas condições. Portanto, responde: porque é que eu ouvi até ao fim a tua exposição sobre a forma como, falando verdade, crias falsas ilusões às tuas namor

PORFÍRIO - Porque a Senhora D'Violante tem a meu respeito diversas curiosidades. Sou seu criado e criado irrepreensível. Leio livros que V.Ex^a. gostaria de ler e que não lê. Tenho idéias quanto aos problemas sociais. Revelei, quando V.Ex^a. menos esperava, uma inteligência superior. V.Ex^a. pensa que um homem como eu poderia, se quisesse, ascender a uma boa posição, ganhar 12 ou 15 contos por mês, ter casa, automóvel, e todas as demais comodidades. No entanto, prefiro estar ao seu serviço e ganhar 4 800 escudos por mês. V.Ex^a. pergunta a si mesma porquê. E não encontra o motivo, V.Ex^a até estaria disposta a viver comigo maritalmente, pôr-me por sua conta. E dar-me-ia todos os privilégios, desde que eu satisfizesse a sua luxúria. Mas não. Quero apenas ser criado. E ganhar 4 800 escudos por mês.

VIOLANTE - Oh! Porquê?

PORFÍRIO - Porque é de quanto eu preciso.

VIOLANTE - Julgas-te incorruptível, não? Oh... serias o primeiro. Mas então porque não vais embora, porque não vais arranjar emprego melhor e vida mais digna?

PORFÍRIO - Porque não quero.

VIOLANTE - Dize porquê!

PORFÍRIO - Não lho direi. Não me convém. As minhas razões são filosóficas... E políticas. E são subtis demais: V.Ex^a. não as compreenderia.

VIOLANTE - Estás a chamar-me estúpida?!

PORFÍRIO - Não propriamente.

VIOLANTE - Ah!...

PORFÍRIO - E agora, se V.Ex^a. não me leva a mal vou encontrar-me com a Joana.

VIOLANTE - Podes retirar-te.

PORFÍRIO - Boa noite a V.Ex^a..

(PASSOS. FECHA-SE A PORTA.)

VIOLANTE - (Com raiva e despeito) Oh, castigador! Oh!...(Soluça)

(MÚSICA DE DANÇA MUITO RITMADA E MUITO AMERICANA)

MACKINDLEY- A manobra do mês passado saiu falhada.

ORDOÑEZ - E de quem é a culpa?

MACKINDLEY- Não estou a veriguar culpas, estou apenas a dizer que a manobra do mês passado saiu falhada, vou chamar a vossa atenção para o facto. Parem esse gira-discos, com os de mónios! Que raio de chinfrim!

(CESSA A MÚSICA)

MACKINDLEY- Bom, assim estamos melhor.

ORDOÑEZ - Sem ruídos de fundo a vizinhança pode escutar o que nós dizemos.

MACKINDLEY- Não te preocupes. Ou tens medo?

ORDOÑEZ - Tenho medo, pois claro. Se somos apanhados, os cavalheiros vão tratar-nos a pão e mel e festinhas na cara.

MACKINDLEY- Ordoñez, o momento não é para brincadeiras, ouviste?

ORDOÑEZ - Mas eu não estou a brincar.

MACKINDLEY- Adiante, irra!

ORDOÑEZ - Pois então adiante... O chefe é o chefe, e se o chefe diz adiante, não temos outro remédio: adiante!

MACKINDLEY- Esta organização não pode falhar. Foi destacado pelos altos poderes para actuar neste país.

JOANA - Qual o motivo?

MACKINDLEY- Isso não é pergunta que se faça, Joana!

JOANA - O Sr. Mackindley não lhes perguntou a eles?

MACKINDLEY- Perguntem, pois. E sei. Mas não digo. Esta empresa tem duas faces, independentes uma da outra. Uma é ao mesmo tempo criminosa e política. Não tem nada a ver com vocês. Vocês pertencem à segunda, que é criminosa e lucrativa. Os lucros obtidos na segunda serão investidos na primeira, honestamente o declaro. Eis tudo o que precisam saber.

JOANA - É pouco.

MACKINDLEY- Será, mas vocês aceitaram estas condições. E aceitaram também colaborar na remodelação do crime. O crime têm andado ao sabor da aventura, do acaso, da demência... Daqui por diante, o crime será programada. Seremos criminosos, sim. Mas servidos por uma planificação por uma orgânica perfeita, assente em sólidas estruturas. Uma coisa como deve ser, uma coisa séria! aproveitando tal seriedade, já consegui que alguns nomes ilustres de alta finança

investissem os seus capitais neste negócio. Compreendem agora que não podemos falhar?

ORDOÑEZ - Não compreendo, mas não faz mal. Eu estou aqui para agir. Quando for preciso agir, o senhor manda avançar e eu avanço.

MACKINDLEY- Ora a nossa organização tem as seguintes bases: todos os meses se realizam duas operações. A primeira delas deve render o suficiente para manter a empresa, os seus honorários, as suas despesas gerais; e a outra deve constituir o verdadeiro rendimento. Como temos já preparadas 853 operações, e em estudo 519 - perfazendo a soma de 1 372 - que estão longe de esgotar as possibilidades nacionais e que, ao ritmo agora estabelecido, dar-nos-ão trabalho para 57 anos, - podemos prever que a nossa empresa não terá fim, porque nesses 57 anos o nosso gabinete de estudos produzirá possibilidades infinitas.

ORDOÑEZ - Sim, a não ser que eles nos deitem a mão.

MACKINDLEY- Você, francamente, é um desmancha prazeres e tem uma mentalidade de ladrão de cais.

ORDOÑEZ - Conheço a vida, chefe. Sei que, quando menos se espera, eles deitam-nos a mão. O chefe conheceu o Pica-Chouriço ... O Pica-Chouriço era um grande homem, como neste escritório jamais encontrei. Tinha uma esquiwa e um poder de encaixe como nunca se viram. Pois apesar disso, foi parar ao chilindró e lá morreu, coitado, minado pela humidade e pela solidão. O chefe já pensou que entre aqueles que estão consigo e a quem o chefe dá confiança, se pode encontrar um espião?

MACKINDLEY- Já, já! Sei que entre nós existe alguém disposto a atrair-me. Mas isso não me assusta. As minhas defesas estão organizadas.

JOANA - Senhor Mackindley são horas, não posso esperar mais tempo. O Porfírio está a chegar ao local marcado para o encontro.

MACKINDLEY- Vá, Joana, vá. Adeus. Até logo. Tem algumas dúvidas sobre as informações que tem de apanhar a esse Porfírio?

JOANA - Nenhuma, chefe. Quando acabar, por hoje, volto aqui. ^{quando} Pela meia noite e meia hora. O Porfírio, está de folga, tem de voltar a casa da patroa precisamente à meia noite. Faz parte do seu contrato.

MACKINDLEY- Então vai.

JOANA - Até logo.

PASSOS. PORTA QUE SE FECHA.

ORDOÑEZ - Chefe, quando será o próximo ataque?

MACKINDLEY- Não recebeste as instruções?

ORDOÑEZ - Recebi, sim, chefe. Recebi até um risco...

MACKINDLEY- Um risco!... Uma planta da habitação que iremos assaltar.

ORDOÑEZ - Risco ou planta é o mesmo.

MACKINDLEY- Tomas parte no próximo ataque. Acompanha-me, Ordoñez, até junto dos outros. Preciso de explicar-lhes como tudo se passará.

ORDOÑEZ - Vamos, chefe.

MACKINDLEY- Se ao menos essa cáfila tivesse a imaginação educada...

ORDOÑEZ - Ó Chefe, aquilo é gente de boa vontade, fique-se por mim. E sabem o trivial.

MACKINDLEY- Como as criadas de servir?

ORDOÑEZ - Como salteadores!

MACKINDLEY- E o que é o trivial?

ORDOÑEZ - É trepar muros, arrambar portas, utilizar gazuas, forçar cofres... bom, se não tiverem segredos complicados... porque se os cofres forem complicados, eles sabem onde encontrar os especialistas em arrambamentos.

MACKINDLEY- Ora, isso não é nada.

ORDOÑEZ - E há ainda uma coisa que todos nós sabemos e a que muita gente não dá o valor...

MACKINDLEY- O que é?

ORDOÑEZ - É disfarçar o ódio que nós todos temos à polícia.

MACKINDLEY- Mas porque é que vocês têm de ter ódio à polícia? A polícia está ali a cumprir o seu dever. É uma honrada profissão como outra qualquer. Não percebe porque é que têm de ter ódio à polícia.

ORDOÑEZ - É porque nos prende.

MACKINDLEY- É o dever deles.

ORDOÑEZ - E o nosso dever é roubar...

MACKINDLEY- Roubar, sim... Mas vocês têm os ordenados garantidos. Os altos poderes garantem tudo. Têm o direito de exigir. Satisfazem as vossas reivindicações, muito acima do normal. Nós não estamos sózinhos, ouviram? Não somos um bando de pinhagem, uma quadrinha de gatunos escondida nos pinhais. Não trabalhamos por ambição pessoal. Trabalhamos para que este mundo não seja abandalhado, para que o poder não caia na rua, para que a civilização ocidental se mantenha, contra a desertão e a cupidez da população. Batemo-nos pela ordem estabelecida.

ORDOÑEZ - Cá a mim tanto me fez. O que é que é preciso? É roubar. Bom, isso é comigo. Vamos roubar.

(MÚSICA. RUÍDOS DUM CAFÉ.)

PORFÍRIO - Joana...

JOANA - Porfírio...

PORFÍRIO - Estás há muito tempo á minha espera?

JOANA - Não, cheguei há um quarto de hora.

PORFÍRIO - Desculpa, a patroa demorou-me. (Ruído de cadeira)
Queres tomar alguma coisa?

JOANA - Já tomei café. Saímos?

PORFÍRIO - Sim. Prefiro passear contigo ao ar livre, a estar aqui
metido no meio deste barunho. Vamos.

(Música sobre o ruído do café. Depois cessa o ruído
de café. Fica só a música, durante algum tempo. Exterior)

JOANA - Está uma linda noite...

PORFÍRIO - É verdade. Parece feita de propósito para nós. Gosto
destas noites de primavera, para estar junto de ti.

JOANA - Queres dizer que no inverno, no verão e no outono gos-
tas menos de mim?

PORFÍRIO - Não. O meu amor por ti é extensivo às quatro estações
Mas para estar junto de ti apetece-me a primavera.

JOANA - Como podes saber isso, se quando me conhecestes já era
primavera? Nunca estiveste perto de mim nas outras esta-
ções.

PORFÍRIO - A experiência, Joana, a experiência! Para algumas mu-
lheres, eu preciso o inverno, as tempestades, os relâm-
pagos! Para outras, o outono, as folhas amareladas!
Ou o Verão, o calor, a nudez, para outras.

JOANA - E eu?

- PORFIRIO - Para ti a primavera! A Primavera com todas as suas promessas. Um mundo de promessas a desabrochar.
- JOANA - Ah, nunca me disseram nada tão bonito
- PORFIRIO - Bonito e verdadeira. Falei-te como um poeta clássico.
- JOANA - Ah Sim? Era assim que os poetas clássicos falavam?
- PORFIRIO - Quando falavam. Porque eles sobretudo escreviam. Quer dizer, como no tempo deles não havia gravadores. Já ouviste falar destas poetas?
- JOANA - Querido, só nos encontramos às terças e sextas, que são as noites que tens livres e tu fala-me desses sujeitos? Não achas que podíamos aproveitar melhor o tempo de que dispomos para estarmos juntos?
- PORFIRIO - Para quê?
- JOANA - Ora ...
- PORFIRIO - Será que não recebes de mim, e à farta, tudo de que precisas?
- JOANA - Sim, não estou a reclamar, mas... Queria conhecer-te...
- PORFIRIO - Eu já te conheço... Adivinhei que és boa rapariga, que és honesta, trabalhadora, incapaz de cumplicidade e de aceitar situações pouco claras. Além de trazeres os olhos mais lindos que tenho encontrado.
- JOANA - Oh, meu amor,,,
- PORFIRIO - Sei que a limpidez desses olhos é o espelho da tua alma
- JOANA - Querido, como tu és inteligente!
- PORFIRIO - Por acaso,,, sou ...
- JOANA - Oh, não sou tão inteligente como tu,
- PORFIRIO - Evidentemente. Porém a tua inteligência chega perfeitamente.

- JOANA - Mas não para adivinhar tanto como a meu respeito tu pudeste adivinhar. Querido, tenho necessidade de saber mais alguma coisa de ti. Sei que te amo, meu amor, que te amo, que te amo...
- PORFIRIO - Já não é pouco.
- JOANA - Mas enquanto tu te contentas em saber se a minha alma é pura ou impura, ambicionais eu gostaria de saber a por exemplo... a cor do teu quarto em casa da tua patroa...
- PORFIRIO - É branco e os "lambris" são castanhas.
- JOANA - Tens casa de banho privativa?
- PORFIRIO - Tenho água corrente, quente e fria .
- JOANA - Já não é mau. Mas tu merecias uma casa de banho!
- PORFIRIO - Também acho. Qualquer dia, exigem-na à patroa.
- JOANA - És secretário dela?
- PORFIRIO - Sou criado. Limpo o pó, atendo o telefone, sirvo à mesa e tenho a meu cargo o movimento de bebidas, que é muito.
- JOANA - Meu querido, mas para isso será preciso um homem da tua categoria?
- PORFIRIO - Tem graça, a patroa pensa como tu e não compreende porque me convém aquele lugar. Oh, as mulheres são todas... Que monotonia!
- JOANA - Não podias arranjar um emprego melhor?
- PORFIRIO - Não quero. E nem a ti nem a ela direi a verdadeira razão.
- JOANA - Ah, tu tens segredos para mim! Tu não me amas!
- PORFIRIO - Amo-te e tenho segredos para ti. Não é incompatível?
- JOANA - Oh, como tu és desnorteante!

- JOANA - Queres dizer que estás apaixonada por ti?
- PORFIRIO - Está.
- JOANA - Como eu?
- PORFIRIO - Mais ou menos. Mas eu não estou apaixonado por ela, Esta é a grande diferença.
- JOANA - E por mim?
- PORFIRIO - Estou, é claro.
- JOANA - Oh, eu odeio essa mulher, odeio-a! Apaixonada por ti que és seu criado e vives debaixo do mesmo teto. Odeio-a!
- PORFIRIO - Não vale a pena; eu se defender-me.
- JOANA - Ela é velha, ao menos?
- PORFIRIO - Não.
- JOANA - Oh, nem sequer é velha!...
- PORFIRIO - Mais tarde será. .
- JOANA - Se lá chegar, se antes disso eu não entrar lá em casa, para matar, com uma faca.
- PORFIRIO - Se quiseres fazê-lo, aconselho-te a terça-feira à noite À 3ª. feira à noite ela fica só em casa.
- JOANA - Ah, sim? Queres dizer, à 3ª. feira à noite ela está sozinha...
Terça-feira à noite...
- PORFIRIO - É o dia da saída de todos os criados. Nesse dia não recebe ninguém. Ainda não consegui averiguar o que ela faz nas noites de 3ª. feira. Não quer ninguém em casa nessa noite. Uma vez, num interregno entre dois dos meus namorados, pretendi lá ficar a ler. Correu comigo. E quando um criado adoece, mesmo que seja com uma simples gripe, internam-no num quarto particular duma casa de saúde. Tenho a certeza de que o faz para estar sozinha na noite de 3ª. feira.

- JOANA - Mas que mania! E o que é que ela faz?
- PORFIRIO - Eu adivinhei. A patroa é riquíssima. Tem jóias que valem tesouros, todas elas fechadas num cofre que existe embutido na parede do quarto, por detraz dum quadro valiosíssimo dum pintor inglês chamado Lawrence.
- JOANA - E que representa esse quadro?
- PORFIRIO - Uma paisagem, muito verde, com árvores enormes e umas senhoras que estão por ali a fazer um piquenique.
- JOANA - E esse quadro está no quarto dela?
- PORFIRIO - Está.
- JOANA - E onde é que fica esse quarto?
- PORFIRIO - No 1º. Andar, no ângulo da casa, da parte sul. Ora eu até já descobri o segredo do cofre. Violeta. Sete letras. Até já abri o cofre.
- JOANA - Tu foste capaz, meu amor?
- PORFIRIO - Fui. Com grande esforço. Mas fui... Para me por à prova. Para saber que tenho um tesouro ao meu alcance e não o quero para mim.
- JOANA - Querido, que força de vontade!
- PORFIRIO - Oh, eu cá sou assim. Só deste modo entendo a virtude. Se eu não tivesse oportunidade de roubar, não sabia se era virtuoso. Mas tenho oportunidade de roubar e não roubo. Portanto sou honesto. É uma consolação ter esta certeza. Mas há mais, nesse cofre está guardado o livro de cheques da patroa. O talão do último cheque que passei, tem inscrito o montante do seu depósito no banco... Uma quantia fabulosa! Chegava para fabricar um Boeing 747. E o último cheque desse livro está em branco mas tem a assinatura dela.
- JOANA - Então bastava-te escrever nesse cheque que está em branco a soma que ela tem depositada para poderes levantar todo o dinheiro.

- PORFIRIO - Sim podia fazê-lo com a maior segurança porque tenho a certeza de que ela só abre o cofre às 3^{as}. feiras à noite. Se eu praticasse o roubo na manhã de 4^a.feira, até 3^a.feira. seguinte o roubo não seria conhecido e eu tinha muito tempo para fugir. Então ficaria milionário.
- JOANA - Meu amor, porque não praticas esse roubo?! Porque preferes continuar como criado até ao resto dos teus dias?
- PORFIRIO - Porque sou honesto.
- JOANA - Chega a parecer que és estúpido.
- PORFIRIO - Talvez. Mas sou assim.
- JOANA - Como eu te adoro, querido, como eu te adoro. Quanto melhor te conheço, mais apaixonada me sinto.
- PORFIRIO - Também eu, meu amor, também eu. Por isso mesmo, conto contigo, não digas a ninguém o segredo que te revelei.
- JOANA - Está descansado, meu querido.
- PORFIRIO - Tenho de me ir embora. O nosso encontro desta noite tem de terminar. Preciso de apanhar o autocarro.
- JOANA - E agora... Até... quando?
- PORFIRIO - Até à próxima 6^a. feira.
- JOANA - No mesmo sítio?
- PORFIRIO - No mesmo sítio e à mesma hora.
- JOANA - Adeus, meu Amor .
- PORFIRIO - Adeus, minha adorada.
- (Beijo - Música)
- MACKINDLEY- Quem que então o Porfírio afirmou que só por honestidade é que não praticava o roubo..
- JOANA - Sim, chefe.
- MACKINDLEY - Ele próprio afirmou, acerca da sua própria pessoa, que é honesto?

JOANA - (Romântica) - Oh... sim... o Porfírio é honesto...
tenho a certeza...

MACKINDLEY Eu sei que às vezes se encontram pessoas honestas. Mas
ser honesto e afirmar que se é, parece-me de mais para
uma única pessoa. Ora vamos adiante. O Porfírio avançou
mais alguma coisa sobre a patroa?

JOANA - Sim. Disse que a Violante é uma complexada.

MACKINDLEY Toda a gente é complexada.

JOANA - Que sofre muito porque não se deitou à água para salvar
o marido do barco onde ambos se encontravam. O marido
morreu afogado.

MACKINDLEY Ah, complexo de culpa... Que vulgaridade!

JOANA - E pronto, mais nada.

MACKINDLEY Mais nada? Então estiveste com ele durante perto de tr
três horas para ele te dizer que a Violante é complexa
da? Que fizeste durante o resto do tempo?

JOANA - Divagámos. Enfim... ao fim e ao cabo, sempre estamos
noivos... não tem mal...

MACKINDLEY Pronto, pronto. Não quero saber mais nada, o que inte-
ressa é que fiquemos cientes de que na noite da próxi-
ma 3ª. feira, enquanto te encontras com o Porfírio no
sítio e à hora do costume, o Ordóñez e eu invadiremos
a alcova da Violante e, retirando da parede o quadro
de Lawrence, abriremos o cofre, cujo segredo é violeta

(Música)

PORFIRIO - (Aflito) Senhora D. Violante, minha senhora! V. Ex^a. permi-
te?

VIOLANTE - O que há?

PORFIRIO - Desculpe incomodá-la, minha Senhora. Mas tenho de partir..
Recebi este telegrama. Se V. Ex^a. se quiere dar ao incómodo
de o ler,..

VIOLANTE - Estás transtornado...

- PORFIRIO - (Chorando) - Oh, minha pobre mãe! Minha querida mãe! Mãezinha da minha alma!
- VIOLANTE - (Lendo) "Mãe súbito ataque coração não deve escapar deseja ver-te antes de morrer se te demoras não te verá. Joaquina" Quem é esta Joaquina?
- PORFIRIO - (Chorando) É a minha irmã.
- VIOLANTE - Pronto, não há tempo a perder. Uma mãe sempre é uma mãe. Tens avião?
- PORFIRIO - Não, senhora D. Violante. A minha terra fica a uns 300 quilómetros. Hoje, que é sábado, tenho apenas um comboio às quatro horas.
- VIOLANTE - Vai-te embora depressa. Não há tempo a perder. Precisas de dinheiro?
- PORFIRIO - Senhora D. Violante! (Acesso de choro) Oh... V. Ex^a. é tão boa para mim...
- VIOLANTE - Precisas ou não precisas de dinheiro?
- PORFIRIO - Não, minha senhora... Tenho as minhas economias... as minhas economiazinhas.
- VIOLANTE - Diz ao Francisco que te leve no carro à estação...
- PORFIRIO - Obrigado, minha senhora... obrigado...
- VIOLANTE - E não te ponhas assim... Um homem é um homem... Há viver e há morrer... A nossa mãe é natural que morra antes de nós... E a tua talvez não morra...
- PORFIRIO - Morre, com toda a certeza.
- VIOLANTE - Talvez não... Pode muito bem ter havido engano de telegrama. E oxalé que haja. Mas parte. É quando puderes, regressa. Demora-te o tempo que for preciso.
- PORFIRIO - Se a mãezinha morre, eu nunca mais volto, porque morrerei logo a seguir,

VIOLANTE - Pronto, Porfírio. Não faças essas senão eu lem-
bro-me da morte do meu falecido marido, D.Aguinaldo Ten-
dorico, que Deus tem, e começa também a chorar.

PORFÍRIO - Nesse caso, poupe-lhe essas lágrimas. E parta.

VIOLANTE - Boa viagem, Porfírio.

(Música misteriosa. Um relógio de torre bate 9 horas
clar e esvoaçar duma ave noturna),

MACKINDLEY Ordóñez...

ORDÓÑEZ - Chefe?

MACKINDLEY Por ali é que é preciso subir.

ORDÓÑEZ - Não tem dificuldade nenhuma.

MACKINDLEY A janela por onde entraremos é aquela.

ORDÓÑEZ -

MACKINDLEY Ainda não. Deixamo-la acender a luz do quarto e dez minu-
tos depois, atacamos.

ORDÓÑEZ - Porquê só dez minutos depois?

MACKINDLEY Para lhe dar tempo de abrir o cofre. É trabalho que nos
poupa.

ORDÓÑEZ - Não está mal visto, chefe.

(Música misteriosa)

VIOLANTE - (embriagada, no máximo da decadência) Terça-feira, dia
sobre todos maldito ... Dia sobre todos aziago...Nasci
numa 3ª.feira, matei-te numa 3ª.feira, D.Aguinaldo Tendori-
co. ..

(O relógio da sala bate 9 horas)

Nove horas, hora também aziaga.. Ah, quadro precioso,
paisagem de Lawrence, vales menos, muito menos, do que
aquilo que se esconde por detrás de ti... E que é meu
porque te matei, enquanto era tempo... Daquele barco em

que passeávamos no lago à tardinha, atirei-te à água, D.Aguinaldo Tendorico. Estavas muito romântico D.Aguinaldo e eu mandei-te encontrares-te com a morte... Se vivesses mais, tinhas esbanjado toda a tua fortuna nas fantasias de grande senhor, empenhado em causas perdidas. Matei-te!

Foste muito bem morto. (Barulho do rodar do segredo do cofre) V - I - O - L - E - T - A. Pronto, até o segredo do cofre é bonito, é como a ante-câmara da beleza que lá dentro está escondida. E agora, jóias, diademas, colares, rubis, pérolas, ametistas, eairo, airo, airo... Tudo meu... Abre-te Sésamo, Sésamo da minha ambição, e desta glória, que vivo a só, imaginando toda a semana, para só te contemplar sofregamente durante uma hora, à 3ª.feira, dia aziago, dia sobre todos aziago... Abre-te Sésamo! Um, dois, três... (rodam os gonzos do cofre) Ah... não vejo nada... É o brilho das pedras preciosas que me cega... Deixem-me respirar fundo... Ah... outra vez... Ah... Hein... Que é isto? Não está cá nada! Mas estava na 3ª.feira passada! Estou roubada! Estou roubada! Socorro! Socorro!

(Abre-se violentamente a janela, partem-se os vidros)

MACKINDLEY - Senhora d.Violante, Senhora D.Violante!...

VIOLANTE - Foi o Senhor! Ladrão! Ladrão! Roubaram-me tudo, foi o senhor! Ladrão! Ah!

ORDONEZ - (En segredo) - E agora, Chefe?

MACKINDLEY- Calma, calma, (Alto) Minha Senhora, pode explicar-me o que se passou?

VIOLANTE - O senhor sabe melhor do que eu! Foi o Senhor que despejou este cofre!

MACKINDLEY- Para desfazer qualquer equívoco, devo dizer-lhe que sou da Polícia. (tosse) - Inspeccor Alexandre, Este é o sargento Frederico.

VIOLANTE - Que vêm aqui fazer?

- MACKINDLEY- Fomos informados por um telefonema misterioso de que a sua casa foi assaltada há meia hora.
- VIOLANTE - Se é da Polícia, porque entraram pela janela?
- MACKINDLEY - Batemos à porta da rua, mas ninguém nos respondeu.
- VIOLANTE - A criadagem está hoje de folga.
- MACKINDLEY- Entrámos por esta janela porque, segundo nos comunicou o desconhecido ao telefone, foi por esta janela que o ladrão penetrou.
- VIOLANTE - Eu não acredito em si, não acredito. Vou telefonar à polícia.
- MACKINDLEY- Faça o favor.
(Passos)
- VIOLANTE - Está? Está lá? Não dá sinal.
- MACKINDLEY - Dá licença? (Barulho adequado) Ele cortou o fio... O saltador pensou em tudo. Mas aqui tem o meu cartão de identificação.
- VIOLANTE - Venício Alexandre, Inspector, não há dúvida!
- MACKINDLEY - Mostre o seu, também, Sargento, para esta Senhora não desconfiar...
- ORDÓÑEZ - Aqui está...
- VIOLANTE - Frederico Costa... Posto: Sargento.
- MACKINDLEY- Alguma dúvida?
- VIOLANTE - Estes cartões podem não ser verdadeiros.
- MACKINDLEY- Verdadeiros ou não, juro-lhe, minha senhora: estes cartões foram feitos na polícia. Este é o autêntico selo em branco da polícia!

VIOLANTE - Bem...

MACKINDLEY A Senhora pode enumerar os bens que lhe roubaram?

VIOLANTE - As minhas jóias. Existe uma relação completa na gaveta do cofre à direita.

MACKINDLEY- Sargento, procure.

ORDOÑEZ - Muito bem, Inspector.

MACKINDLEY- O cofre só tinha jóias?

VIOLANTE - E algumas recordações sem grande valor que não sei se me foram roubadas. Não tive calma para verificar.

ORDOÑEZ - Aqui está a relação das jóias, juntamente com a apólice da companhia de seguros.

MACKINDLEY- Deixe ver. E que mais havia no cofre?

VIOLANTE - Ah! O meu livro de cheques! Deus meu, estou arruinada!

MACKINDLEY- Calma! Os cheques nada valem sem a sua assinatura.

VIOLANTE - Precisamente, um dos cheques em branco, tinha a minha assinatura. Meu Deus, até tenho medo de ir ver se também o roubaram.

MACKINDLEY- Não vá, não se incomode. O sargento trata disso, Sargento! Faça o favor.

ORDOÑEZ - Muito bem, Inspector.

MACKINDLEY- Para que deixou V.Ex^a, um cheque em branco assinado?

VIOLANTE - Para no caso de eu morrer de acidente ou de morte súbita, os meus sobrinhos poderem dispor do dinheiro que tenho no banco, sem pagarem direitos de transmissão. Foi o meu falecido marido, D. Aguinaldo Teodoro, quem me disse que devia proceder assim.

MACKINDLEY - Bem, a situação parece clara. Alguém se introduziu nesta casa para a roubar. Quem seria? Quem não seria? É assunto para investigação, tanto mais que são elevadas as somas desaparecidas. Peço-lhe, minha senhora, que não mexa em coisa alguma. Vou telefonar para o comando, e chamar uma brigada que tome conta do caso,

VIOLANTE - Vai deixar-me só?

MACKINDLEY - Sargento, feche aquela janela por dentro.

ORDÓÑEZ - Muito bem, inspector.

(Ruídos de tranca)

MACKINDLEY - O Sargento não abandonará esta casa. Eu vou ausentar-me só o tempo necessário para falar do primeiro telefone que encontrar. E agora, a Senhora precisa de tomar um calmante,

VIOLANTE - Sim, sim, preciso. Há ali um frasco, sobre a minha mesa da cabeceira. E água, na casa de banho.

MACKINDLEY - Sargento...

ORDÓÑEZ - Imediatamente, Inspector.

VIOLANTE - Em sempre gostei de romances policiais. Mas nunca julguei quem me havia de ver envolvida num caso destes. Oh que dia, que dia que é para mim a 3ª. feira! Tudo o que tem havido de mau na minha vida é à 3ª. feira que acontece. E hoje, eram cinco horas da tarde, quando recebi o telegrama do Porfírio a comunicar-me que lhe tinha falecido a mãe; pensei logo que esta 3ª. feira não me correria bem.

MACKINDLEY - Quem é o Porfírio?

VIOLANTE - É um criado meu, um rapaz muito simpático, um rapaz muito honesto, de quem eu muito gosto! Partiu no sábado passado para ir ver a mãe que foi acometida dum ataque de coração, que acabou por matá-la, coitada?...

- MACKINDLEY- Tem o telegrama que esse Porfírio lhe enviou?
- VIOLANTE - Está aqui.
- MACKINDLEY- (Lendo) "Mãe faleceu hoje. Porfírio". O telegrama foi expedido dos Restauradores. A mãe desse Porfírio estava nos Restauradores? Vivía aqui em Lisboa?
- VIOLANTE - Ele disse-me que morava a 300 kilómetros daqui.
- MACKINDLEY- Quere dizer que ele está em Lisboa.
- ORDOÑEZ - Aqui está o comprimido e o copo de água.
- VIOLANTE - Obrigada (Bebe).
- MACKINDLEY- Quando tinha a senhora aberto este cofre pela última vez?
- VIOLANTE - Na 3ª.feira passada.
- MACKINDLEY- E quando se foi embora esse Porfírio?
- VIOLANTE - Sábado, depois do almoço, seriam umas três horas.
- MACKINDLEY- Então não há dúvida. O honesto Porfírio foi o ladrão. Praticou o roubo na quarta ou na quinta-feira. Na 6ª, transacionou os valores e no sábado fugiu. Ele sabia que a senhora só às 3ªs.feiras é que abre o cofre. Ah, o patife fez as coisas bem feitas.
- VIOLANTE - Não! Não pode ter sido ele!
- MACKINDLEY- Ah! E o livro de cheques? Encontrou-o, sargento?
- ORDOÑEZ - Não, Inspector, não se encontra no cofre livro de cheques absolutamente nenhum.
- MACKINDLEY- O patife levantou o dinheiro, vendeu as jóias e abalou!
- VIOLANTE - Não é possível, Inspector.
- MACKINDLEY- Bom! Minha Senhora, esta é a minha opinião pessoal que

imediatamente exporei aos meus superiores. Eles depois investigarão o caso. Esse tal Porfírio... cheira-me a comunista...

VIOLANTE- (boccejando) - Ah... Tenho sono... Obrigada, Senhor Inspector
Oh... Eu... Ah... Ai D. Agi... nal... do... Não tarda nada estarei morta, junto de ti... Oh...

MACKINDLEY- O que é isto?

Ruído de um copo que cai.

ORDÓÑEZ - Pumba! Caiu.

MACKINDLEY- Não aguentou...

ORDÓÑEZ - Claro que não. Dei-lhe o comprimido, mas dei-tei-lhe na água uma quantidade do nosso narcótico...

MACKINDLEY- Sim? (ri-se) Então o que admira é que ainda esteja viva. Estará?

ORDÓÑEZ - Está, sim. Respira.

MACKINDLEY- Então pega-lhe aí pelos pés para a deitarmos sobre a cama.

ORDÓÑEZ - Força, Chefe!

MACKINDLEY- E nós vamos "cavar" depressa. Antes que a criada volte e chame a polícia...

ORDÓÑEZ - Pira-mo-nos pela janela, como entrámos?

MACKINDLEY- Pela porta, idiota! Isto é que é azar! Se começam a falhar todos os negócios... se aparecem Porfírios como este que se nos adiantam, os altos poderes fazem-nos em merda... Idiota, besta, cretino! (esbofeteia-o)

ORDÓÑEZ - Chefe!...

MACKINDLEY- Tu é que és o culpado, traidor! Traidor!

ORDÓÑEZ - Chefe, eu?

MACKINDLEY - Sim!...

Violência. Mackindley insulta-o e bate-lhe.
Ordóñez submisso defende-se. Batem portas com grande
estrondo. Noite. Grilos. Passos cautelosos no campo.

SENTINELA - Eh!... Quem vem lá?

PORFÍRIO - Calma camarada.

SENTINELA - Seja quem for, faça alto!

PORFÍRIO - Pronto. As ordens...

SENTINELA - (gritando) Quem és tu?

PORFÍRIO - Não grites camarada. Olha que acordas os outros. Ou
podes até denunciar-nos a algum sacana que esteja à nos
sa espreita.

SENTINELA - (Forte, contido) Dize quem és ou **levas** um tiro nos
carnos!

PORFÍRIO - Sou eu, Vicente.

SENTINELA - Vicente? Tú? Deixa ver. (Aproxima-se) Olha, és mesmo
tu Porfírio, pá. Deixa **vá** ver esses ossos...

PORFÍRIO - Hem?... Escapei... Eh, gaita, não me esmagues...

SENTINELA - É que... é que... Já estávamos desesperados... Quando
apareceres ali dentro, vão julgar-te um fantasma,

PORFÍRIO - Porquê?

SENTINELA - Já todos tem julgavamos morto...

PORFÍRIO - Sim? Diabo... Olha, ainda bem, a surpresa vai ser uma
festa. Vem comigo, não me tomem eles por inimigo...

SENTINELA - E fica isto sem sentinela?

PORFÍRIO - Tens razão. Vai lá dentro avisá-los. Eu fico de guarda.

SENTINELA - Tens arma?

PORFÍRIO - Puxa aí o saco. Força... Hem? Que tal?

SENTINELA - Novinha em folha...

PORFÍRIO - E do último modelo...

SENTINELA - Saiu-te a lotaria?

PORFÍRIO - Melhor, melhor. A lotaria saiu para todos nós... Vai avisá-los, depressa.

Passos cautelosos que se perdem. Grilos. Piu de uma ave nocturna.

PORFÍRIO - Quem vem lá?

SENTINELA - Sou eu entra. Estão todos à tua espera.

MUSICA

PORFÍRIO - Camaradas, foi assim mesmo como entrei, nunca fui servil a ninguém, excepto ao nosso ideal, ao povo martirizado da nossa pátria, à nossa guerrilha, à revolução que levaremos a cabo pela libertação do povo. Qual é o meu nome verdadeiro, nem eu próprio já me recordo. Sou o camarada Vicente. Mas em Lisboa tomei o nome de Porfírio, imaginem (risos) para servir essa mulher. Dentada de cão curava-se com o pelo do próprio cão. Não é o que diz o povo? Pois essa mulher - de quem eu me tornei criado (risos) - tinha nela todos os males que nós queremos combater. Viviam na devassidão, na luxúria, bêbada, drogada... Ganhava fortunas como intermediária da prostituição... Negócios bem disfarçados, sob o título de marido, que, aliás, ela assassinou... Pois bem, esse monstro possuía num cofre uma fortuna fabulosa... Uma fortuna inútil em dinheiro e em jóias... Vali-me de todos os meios para a roubar... E roubei. E teria roubado duas, cinco, dez vezes, se tal fosse preciso para a libertação do nosso

povo. (Murmúrios) Camaradas, sinto o vosso sofrimento que também é o meu, por termos parado a nossa guerrilha ... O opressor inimigo perseguiu-nos até à montanha. E nós recuámos. Vejo-os desesperados e famintos. Mas a nossa guerrilha vai continuar. Amanhã teremos armas. A Partir de amanhã, camaradas, de armas na mão, vamos outra vez com o nosso povo combater os traidores que nos oprimem. Viva a Revolução!

TODOS - VIVA!

VOZ - Viva o camarada Vicente!

TODOS - VIVA!

VOZ - Vicente estás de novo com a gente.

TODOS - Vicente estás de novo com a gente!

MÚSICA HERÓICA.

F===== I===== M

PÓRFÍRIO - Tens razão. Vai lá dentro avisá-los. Eu fico de guarda.

SENTINELA - Tens arma?

PÓRFÍRIO - Puxa aí o saco. Força... Hem? Que tal?

SENTINELA - Novinha em folha...

PÓRFÍRIO - E do último modelo...

SENTINELA - Saiu-te a lotaria?

PÓRFÍRIO - Melhor, melhor. A lotaria saiu para todos nós... Vai avisá-los, depressa.

Passos cautelosos que se perdem. Grilos. Pio de uma ave nocturna.

PÓRFÍRIO - Quem vem lá?

SENTINELA - Sou eu entra. Estão todos à tua espera.

MUSICA

PÓRFÍRIO - Camaradas, foi assim mesmo como entrei, nunca fui servil a ninguém, excepto ao nosso ideal, ao povo martirizado da nossa pátria, à nossa guerrilha, à revolução que leva remos a cabo pela libertação do povo. Qual é o meu nome verdadeiro, nem eu próprio já me recordo. Sou o camarada Vicente. Mas em Lisboa tomei o nome de Porfírio, imaginem (risos) para servir essa mulher. Dentada de cão cura-se com o pelo do próprio cão. Não é o que diz o povo? Pois essa mulher - de quem eu me tornei criado (risos) - tinha nela todos os males que nós queremos combater. Vivía na devassidão, na luxúria, bêbeda, drogada... Ganhava fortunas como intermediária da prostituição... Negócios bem disfarçados, sob o título do marido, que, aliás, ela assassinou... Pois bem, esse monstro possuía num cofre uma fortuna fabulosa... Uma fortuna inútil em dinheiro e em jóias... Vali-me de todos os meios para a roubar... E roubei. E teria roubado duas, cinco, dez vezes, se tal fosse preciso para a libertação do nosso

povo. (Murmúrios) Camaradas, sinto o vosso sofrimento que também é o meu, por termos parado a nossa guerrilha ... O opressor inimigo perseguiu-nos até à montanha. E nós recuámos. Vejo-vos desesperados e famintos. Mas a nossa guerrilha vai continuar. Amanhã teremos armas. A Partir de amanhã, camaradas, de armas na mão, vamos outra vez com o nosso povo combater os traidores que nos oprimem. Viva a Revolução!

TODOs

- VIVA!

VOZ

- Viva o camarada Vicente!

TODOs

- VIVA!

VOZ

- Vicente estás de novo com a gente.

TODOs

- Vicente estás de novo com a gente!

MÚSICA HERÓICA.

F===== I===== M



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa

Miniteatro "Violante - Violeta"

Referência

N.º/R.P.L. 361

N.º S.P.P.

Episódio N.º

Datas

da gravação 12 de Agosto

de 1975 às 9,15 horas.

da 1.ª emissão 18 de Agosto

de 1975 Programa 1.º - 15,15

Director artístico

Carlos Avilez

Carla

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
Eunice Muniz	Violante	Queiroz
João Perry	Torres	João Perry
João Perry Santos Manuel	Mackindley	Santos Manuel
Manuel Cavaco	Ordóñez	MANE
Emelinda Duarte	Joana	Emelinda Duarte
Fernando Saraiva	Sentruela	Sentruela

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Carla

Locutor

F. Pires

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa, 12 de Agosto de 1975